

Capítulo 11 – Resultados e inquietações de um percurso de aprendizagem

Com o presente capítulo terminamos a apresentação do trabalho de investigação desenvolvido, o qual teve como propósito responder à seguinte questão de partida: de que forma, no âmbito dos processos de aprendizagem que têm lugar no interior das empresas, se formam, consolidam, renovam e mobilizam diferentes saberes e processos de identificação, e que factores se encontram na sua base?

A procura de resposta para esta interrogação foi desenvolvida no contexto empresarial da Electrotensão e das suas cinco direcções. Por seu turno, enquadrámos as actividades da empresa no âmbito do grupo Fasetel, discutindo os contornos da sua actuação no campo económico (Bourdieu, 1997), em particular por intermédio das funções dos seus dirigentes. Considerámos estes últimos como interlocutores privilegiados para a compreensão, em particular, das estratégias e políticas empresariais, na medida em que são os seus agentes decisores e mobilizadores.

A investigação foi realizada com base numa abordagem estruturalista enformadora de um estudo de caso, consubstanciado num trabalho de confronto entre os vários contextos organizacionais das direcções da empresa. Orientámos a análise por um enfoque relacional, procurando que ela reflectisse, desde o início, a articulação entre as configurações estruturais da realidade social (do campo económico e das empresas, em particular) e a acção dos sujeitos, contemplando esta os processos, socialmente condicionados, de atribuição de sentido.

A assunção destes pressupostos de pesquisa, no capítulo 1, vem, no capítulo 10, a concretizar-se numa abordagem centrada em algumas singularidades (sociais, necessariamente) dos trajectos e perspectivas de dois sujeitos: Pedro e António. Estas singularidades, por um lado, reflectem regularidades sociais diversas, explicitadas ao longo do trabalho e, por outro, acrescentam vectores explicativos de algumas dessas regularidades a partir, nomeadamente, das características das trajectórias profissionais dos sujeitos, dos tipo e grau de complexidade das actividades de trabalho que desempenham e, também, das suas manifestações de atribuição de sentido à prática. A reflexão que realizámos a partir das trajectórias e dos discursos de Pedro e António potenciou, ainda, uma análise de dimensões da realidade social não contempladas pela grelha analítica construída para o tratamento das entrevistas, na medida em que esta pressupôs, necessariamente, o accionamento de procedimentos técnico-metodológicos de redução da dissimilitude da informação.

A selecção de um contexto empresarial adequado para a concretização dos objectivos do estudo, a elaboração de uma estratégia teórico-metodológica de cariz estruturalista e a adopção de uma abordagem relacional constituíram três eixos fundamentais na concretização dos nossos propósitos. Tais eixos não foram, de todo, definidos à partida, mas sim trabalhados ao longo da pesquisa. O carácter construtivo e de permanente mudança que caracterizou esta etapa do nosso percurso de aprendizagem conduziu-nos, em alguns momentos, a extravasar a questão de partida para outras direcções, que, não só nos forneceram eixos explicativos essenciais às nossas interrogações, mas também evidenciaram a formulação de hipóteses de trabalho a desenvolver em oportunidades de pesquisa futuras. Destas daremos conta mais adiante, neste texto.

Finalmente, resta-nos referir, ainda a título de considerações gerais, que o trabalho de permanente diálogo entre a problematização teórica e a pesquisa empírica foi nevrálgico na realização da investigação. Procurámos, deste modo, desenvolver e promover um conhecimento praxeológico, pautado por uma atitude permanente de vigilância epistemológica (Bourdieu, 2002).

Atendendo ao facto de estarmos, agora, a efectuar um enquadramento conclusivo da pesquisa, este capítulo final estrutura-se em torno de três vertentes de reflexão. A primeira concretiza-se numa apreciação das principais conclusões do nosso estudo na resposta à questão de partida. Não realizaremos uma abordagem exaustiva, mas sim uma análise em que procuraremos salientar algumas especificidades. Ao longo do trabalho, em cada capítulo, procurámos efectuar pontos de situação e sínteses conclusivas parciais de cada uma das problemáticas em análise, as quais nos coibimos aqui de repetir. A reflexão, agora realizada, em torno das referidas especificidades tem, como ponto de partida, as hipóteses de trabalho que orientaram a investigação¹. Estamos perante relações explicativas não lineares entre dimensões construídas para a análise da realidade social. A segunda vertente concretiza-se na apresentação dos contributos do estudo que pensamos assumir um destaque acrescido. Distinguiremos esses contributos aos níveis teórico-conceitual, técnico-metodológico e empírico. A terceira e última vertente consiste na apresentação de um conjunto de considerações em torno de algumas das inúmeras pistas de pesquisa futura que o trabalho nos suscitou.

¹ V. capítulo 1.

1. O ponto de partida e os resultados

A questão de partida que orienta este trabalho tem como eixo estruturante a aprendizagem. Quer o saber em uso, quer os processos de identificação são dimensões integrantes das práticas de aprendizagem no espaço social do trabalho. Assumimos a concepção de aprendizagem ao nível individual, pois são os sujeitos que, efectivamente, aprendem, mas não deixamos de equacionar as condições organizacionais que influenciam tais processos. Referimo-nos, designadamente, às modalidades de organização do trabalho, de planeamento e gestão da produção ou de gestão dos RH. Os sujeitos são, efectivamente, sujeitos socializados e a sua acção é condicionada pelas condições técnicas, organizacionais e humanas do contexto empresarial.

Concluimos, deste modo, que as práticas de aprendizagem, consubstanciadas em acções e relações de recepção, transformação e transmissão de saberes, assumem, privilegiadamente, uma configuração concreta. Ou seja, os sujeitos salientam que aprenderam e aprendem por intermédio do exercício das actividades de trabalho e em momentos exclusivamente a ela dedicados, assumindo os colegas de trabalho mais experientes uma função destacada de ensino. Paralelamente, a aprendizagem é experimental e concretiza-se em acções repetidas de tentativa-erro. No âmbito das relações de aprendizagem, os sujeitos desenvolvem, ainda que não exclusivamente, os seus mecanismos de identificação, aprendem os procedimentos e saberes necessários à realização do seu trabalho e desenvolvem as suas capacidades e qualidades. A aprendizagem informal – concreta e por experimentação – assume, deste modo, um claro destaque face às trajectórias de aprendizagem formal.

No entanto, gostaríamos aqui de frisar a existência de algumas diferenciações entre as actividades de trabalho, no sentido de ir ao encontro da primeira hipótese, ou seja, a assunção de que o saber em uso se encontra articulado com o tipo e o grau de complexidade das actividades de trabalho que os sujeitos realizam. Retomamos, aqui, a gradação da complexidade das actividades de trabalho que elaborámos e expusemos no capítulo 5. Assim, no sentido decrescente, temos, em primeiro lugar, a maquinação, em segundo, as actividades de electrificação e de montagem e soldadura e, em terceiro, a de montagem e ligação. Os diferenciados níveis de complexidade em questão têm subjacentes, igualmente, mecanismos e tempos distintos de aprendizagem. Se a maquinação exige uma aprendizagem gradual e

prolongada no tempo, já a actividade de montagem e ligação implica procedimentos de aprendizagem mais simples e de rápida assimilação. A atestar esta nossa conclusão está, nomeadamente, o facto de a empresa pôr em prática a contratação de trabalhadores sob o regime do trabalho temporário para a realização desta última, enquanto que a actividade de maquinação se concretiza na realização, por parte dos trabalhadores da empresa, de horas extraordinárias, já que, neste caso, é mais difícil a sua substituição imediata.

As actividades de trabalho também se diferenciam entre si em função de um conjunto de factores associados à sua execução e às respectivas condições organizacionais, produtivas e técnicas.

No que diz respeito à execução, destacámos as acções que os sujeitos desempenham, os respectivos domínios e a sua estruturação, concretizando-se esta última na diversidade e amplitude das acções realizadas. Podemos constatar, designadamente, que a diversidade das acções é elevada em qualquer uma das actividades de trabalho, o que está associado, particularmente, às especificidades técnicas dos produtos. Estes são, na globalidade, de grande complexidade ao nível, designadamente, das matérias-primas e componentes que comportam, bem como das intervenções que exigem. Já no caso da amplitude – profissional e organizacional, duas dimensões, predominantemente, restritas em todas as actividades de trabalho, o que pode ser explicado pela especificidade do seu contexto organizacional e dos saberes que é necessário deter e mobilizar – há algumas particularidades que importa destacar. Podemos afirmar que os electricistas electrificadores detêm saberes que lhes permite aprender e realizar as actividades de electricista montador e bobinador. O inverso, no entanto, não se verifica: estes últimos profissionais, a não ser que detenham uma formação teórica de base na área da electricidade, dificilmente saberão realizar a actividade de electrificação. Por seu turno, a similitude entre as actividades de montagem e de bobinagem ao nível dos saberes e das acções, facilita movimentos de polivalência funcional interna. No que concerne às actividades de montagem e soldadura e de maquinação, a sua aprendizagem é, como já referimos, mais exigente e prolongada no tempo e pressupõe a aquisição de saberes específicos, dificilmente transferíveis para outras áreas profissionais. A sua amplitude profissional e organizacional é, deste modo, ainda mais restrita.

Em relação às condições técnicas, organizacionais e produtivas, podemos salientar, a título ilustrativo, que estamos perante actividades que implicam a mobilização de dispositivos técnicos diferenciados. Se a actividade de maquinação

pressupõe o accionamento de máquinas, a de electrificação limita-se à manipulação de ferramentas. Por sua vez, também as modalidades de organização do trabalho, com algumas diferenciações em cada uma das direcções, nos permitem acrescentar factores de cariz organizacional que influenciam o desempenho do trabalho. Atente-se, por exemplo, na direcção Aparelhagem de Média Tensão, onde o trabalho em células de fabrico (com gestão autónoma) e a implementação da figura de um operário que assegura a coordenação do trabalho, permite uma integração estreita entre as actividades de electrificação e de montagem e ligação. Não se trata, propriamente, de uma influência directa no conteúdo do trabalho, mas antes nas suas condições de concretização, o que se reflecte no desempenho do trabalho.

O grau de complexidade e as condições de exercício das actividades de trabalho influenciam, por sua vez, o saber em uso. Se a actividade de electrificação pressupõe o domínio e a mobilização de saberes teóricos (alargados e restritos), procedimentais, práticos e relacionais, já a de montagem e ligação não exige os primeiros. Destaque-se, ainda, o facto de não ser necessária a mobilização de saberes relacionais na actividade de montagem e soldadura, que é realizada de forma isolada.

À análise dos saberes mobilizados tendo por base a observação, análise e caracterização das actividades de trabalho, acrescentámos a perspectiva dos sujeitos. Os trabalhadores que desempenham as actividades de maquinação e de montagem e soldadura consideram necessário, em particular, o accionamento de saberes procedimentais, frisando a importância do domínio dos dispositivos técnicos que medeiam o trabalho de transformação sobre o objecto. Este enfoque prende-se, também, com o facto de serem actividades cuja realização bem sucedida depende, em larga medida, da acção de preparação dos dispositivos técnicos e das matérias-primas. Daqui advém a importância atribuída aos conteúdos concretos dos saberes relativos ao cálculo de medidas e à interpretação do desenho da peça que vai ser maquinada. O domínio das propriedades da matéria-prima é também, para estes trabalhadores, fundamental para o sucesso da sua actividade. Assim, a ligação dos sujeitos à materialidade do trabalho concretiza-se por intermédio do objecto de transformação, dos instrumentos que medeiam a actividade de transformação e da actividade de transformação em si, o que, por seu turno, se vem a reflectir nas manifestações de identificação. Por sua vez, os sujeitos que asseguram a actividade de trabalho de montagem e ligação destacam a importância de saberes teóricos restritos, mobilizados no domínio de acção relativo à preparação do trabalho, em particular ao nível do cálculo de medidas e da realização de medições. No entanto,

tais saberes acabam por se traduzir em procedimentos técnicos rotinizados de orientação da acção, com um pendor teórico extremamente reduzido. Esta nossa interpretação é reforçada pelo forte peso que este conjunto de sujeitos confere aos saberes procedimentais.

Saber em uso e grau de complexidade das actividades de trabalho são, neste sentido, dois domínios de análise interligados entre si por relações explicativas, o que nos permite corroborar a primeira hipótese orientadora da investigação.

Em articulação com o que acabámos de explicitar está a nossa quarta hipótese de trabalho, consubstanciada na assunção de que o tipo e o grau de complexidade das actividades de trabalho que os sujeitos realizam condicionam os processos de identificação. Verificámos esta associação, embora esteja, igualmente, ligada ao tipo de relação que cada sujeito estabelece com o seu trabalho, o que, por sua vez, está interligado com as trajectórias profissionais e de aprendizagem. Os processos de identificação desenvolvem-se ao longo das trajectórias dos sujeitos e orientam-se, em particular, para a ligação a dois espaços sociais: a empresa (e as respectivas unidades organizacionais) e a profissão. Pudemos asseverar esta relação quando confrontámos as realidades diferenciadas das trajectórias de Pedro e de António, no capítulo 10. Se Pedro, com uma trajectória curta, profissionalmente focalizada e em progressão, manifesta, essencialmente, formas de identificação com a empresa, frisando o seu prestígio e as condições de estabilidade e segurança que ela lhe proporciona, já a ligação de António, também com uma trajectória profissionalmente focalizada mas estabilizada, é efectuada por via da materialidade do trabalho e do produto que dele resulta, o que se encontra relacionado com o desempenho profissional. É, de igual modo, clara a associação dos dois espaços sociais à prática, sendo por referência a esta que os sujeitos se manifestam verbalmente. Actividade de trabalho e formas e manifestações de identificação constituem-se, deste modo, como domínios de análise articulados entre si. A dupla relação que estabelecemos, no modelo de análise, entre actividade de trabalho, saber em uso e processos de identificação assume, deste modo, coerência explicativa, na medida em que os últimos não se delineiam a partir, exclusivamente, dos saberes mobilizados, mas também por intermédio da actividade de trabalho desempenhada. Para esta relação explicativa contribuem factores diversos. É o caso da relação com a matéria-prima e com os dispositivos técnicos, das formas de interacção com os colegas de trabalho ou dos estilos de liderança que caracterizam as relações hierárquicas directas.

A nossa segunda hipótese de trabalho assenta na premissa de que os processos de identificação se constituem ao longo do tempo, assumindo uma configuração diacrónica. Tal pressuposto implica atender às trajectórias profissionais e de aprendizagem, consolidadas em percursos de socialização. Esta pertinente relação explicativa nem sempre se verifica quando é equacionada, apenas, a partir dos tipos de trajectórias que construímos, o que se prende com o facto de estes resultarem de um exercício de redução da informação por classificação. Todavia, constatámos esta articulação ao equacionarmos outras variáveis, tais como a longevidade da trajectória ou o nível de escolaridade. Podemos concretizar este exercício analítico a partir, novamente, dos casos de Pedro e de António. O primeiro, mais escolarizado e com uma trajectória temporalmente curta, manifesta uma relação abstracta com o trabalho. Já António estabelece uma relação concreta de proximidade com a matéria e com a obra que resulta das suas acções. Trajectória e identificação constituem, deste modo, eixos indissociáveis. O grau de complexidade das actividades de trabalho é também relevante, pois a identificação de Pedro com o seu trabalho, com um grau de complexidade reduzido e profissionalmente descontextualizado, leva-o a perspectivar mudanças na sua trajectória, designadamente na prossecução do seu percurso educativo formal, em ordem ao desempenho de uma profissão diferente no interior da empresa.

Finalmente, importa referir que as trajectórias profissionais e de aprendizagem são condicionadas pelas decisões da empresa, em particular no domínio da gestão dos RH, o que vai ao encontro da nossa terceira hipótese de trabalho. A gestão previsional dos RH do grupo Fasetel, consubstanciada, designadamente, na não precariedade dos vínculos contratuais e das remunerações, garante aos sujeitos estabilidade na sua situação profissional. Esta linha de actuação empresarial reflecte-se no predomínio, no conjunto dos entrevistados, de trajectórias profissionais internas, estabilizadas e em progressão. Ao nível das trajectórias de aprendizagem formal interna, esta influência é também notória, desde logo, no facto de o grupo Fasetel promover protocolos com escolas secundárias no âmbito do sistema de aprendizagem, o que levou a que um conjunto muito significativo dos entrevistados tivesse frequentado vertentes de ensino profissionalizante, tendo mesmo, alguns deles, estagiado numa das direcções da Electrotensão, imediatamente antes do seu recrutamento. É, neste sentido, compreensível a fraca incidência de formação de qualificação, em prol da renovação de saberes e da sensibilização para áreas como a qualidade ou a higiene e segurança no trabalho. Destaque-se o predomínio temático

das acções de formação em áreas técnicas, o que poderá estar relacionado com a necessidade de promover a aprendizagem no âmbito dos domínios profissionais respectivos. As práticas de gestão dos RH condicionam, igualmente, os projectos futuros dos sujeitos. Tais projectos, ainda que sejam verbalmente manifestados como resultados de intenções e opções individuais, são condicionados pelos constrangimentos e as oportunidades que a empresa decide proporcionar, condições a partir das quais os sujeitos perspectivam o seu futuro.

O exercício de articulação entre as hipóteses orientadoras da investigação e alguns dos resultados empíricos que acabámos de realizar não teve como objectivo a concretização de uma síntese do estudo, mas antes explicitar algumas das conclusões a que chegámos. O modelo de análise subjacente a esta investigação (v. capítulo1), contempla um conjunto complexo de domínios de análise e uma teia relacional que é inviável de sistematizar de forma sintética. O trabalho extensivo e detalhado de realização das relações analíticas entre as várias esferas analíticas constitutivas da pesquisa, assente nas hipóteses orientadoras do trabalho, foi, de facto, realizado ao longo de todo o texto.

2. Os contributos

Este trabalho de investigação encerra, do nosso ponto de vista, alguns contributos que importa explicitar de forma destacada. Não pretendemos apresentá-los como factores inovadores. Trata-se, antes de mais, de reflectir acerca de alguns eixos teórico-conceptuais, técnico-metodológicos e empíricos sobre os quais trabalhámos. Considerámos ter chegado a matrizes analíticas que podem ser accionadas, modificadas e melhoradas em estudos e contextos empíricos diferenciados².

No domínio teórico-conceptual, gostaríamos, em primeiro lugar, de frisar a importância de reflectir, criticamente, sobre a problemática das identidades, terreno de considerável produção discursiva no seio das Ciências Sociais em geral, e da Sociologia, em particular. Sobre ela permanecem múltiplas questões relativas aos enfoques conceptuais adoptados e às vias técnico-metodológicas accionadas para a sua análise. A questão que se coloca é se podemos, efectivamente, abordar a

² A distinção que efectuamos entre estes três eixos não é estanque, nem linear, pois, como iremos ver seguidamente, concretizam-se em contributos que encerram, cada um deles, aspectos teóricos, metodológicos e empíricos.

identidade de cada indivíduo e equacionar a existência de identidades de grupos sócio-profissionais, ou antes, como procurámos fazer neste trabalho, explicitar as formas e manifestações de identificação verbalizadas pelos sujeitos, as quais dificilmente podem ser estruturadas em tipificações únicas de identidade. Por seu turno, consideramos que os processos de identificação devem ser objecto de um trabalho de delimitação tão preciso quanto possível, razão pela qual os circunscrevemos ao espaço social do trabalho. No âmbito deste, dois espaços sociais particulares vieram a ser destacados pelos entrevistados: a empresa e a profissão. Salientamos, ainda, a necessidade de problematizar estes processos enquanto processos de aprendizagem, directamente relacionados com a prática efectiva.

Em segundo lugar, parece-nos fundamental reflectir sobre a conceptualização em torno das actividades de trabalho. Importa desenvolver matrizes de análise que contemplem, não apenas as dimensões ergonómicas de estudo, mas também as sociológicas. Consideramos imprescindível privilegiar uma óptica de análise que articule dimensões directamente associadas ao conteúdo do trabalho e aos recursos accionados pelos trabalhadores na sua realização, com eixos relativos, designadamente, às modalidades de organização do trabalho, ao tipo de dispositivos técnicos accionados ou à configuração das relações com os pares e os superiores hierárquicos directos. Parece-nos importante desenvolver trabalhos de investigação que nos permitam alcançar um conhecimento acerca, não apenas do desempenho do trabalho em si, mas também das condições técnicas, humanas e organizacionais que o condicionam e que são, também, seus elementos constitutivos. Foi esta a postura que assumimos na problematização teórica das actividades de trabalho, concretizada na sua análise e caracterização. Paralelamente, frisamos a necessidade de circunscrever a problematização das actividades de trabalho e dos processos de aprendizagem ao que pode ser, efectivamente, estudado. Referimo-nos, concretamente, às limitações efectivas de uma análise centrada nos mecanismos cognitivos, com vista a compreender os diversos recursos que são accionados pelos sujeitos no desempenho do seu trabalho, a sua concretização e todas as dimensões que, em torno desta problemática, podem ser equacionadas. Temos consciência das limitações do estudo de mecanismos invisíveis, do ponto de vista empírico, em Ciências Sociais. Relativamente a eles realizámos alguns exercícios de inferência, complementados com o trabalho interpretativo sobre as entrevistas. Neste sentido, delimitámos a nossa análise ao que nos foi possível apurar a partir dos percursos metodológicos construídos e das técnicas mobilizadas. No entanto, reafirmamos a

profícua reflexão em torno deste tema, em particular a partir da obra de Malglaive (1990). A sua conceptualização revelou-se essencial na análise das actividades de trabalho, do saber em uso e dos processos de aprendizagem naquilo que tais domínios de análise têm, directa e indirectamente, de observável.

A afirmação desta limitação, que assume, igualmente, um pendor metodológico, conduz-nos a avançar para a explicitação de algumas reflexões neste domínio.

Gostaríamos de começar por afirmar, em primeiro lugar, que o recurso a uma multiplicidade de técnicas de investigação, combinadas entre si em diversos momentos, visando a concretização de vários objectivos da investigação, se revelou uma opção extremamente frutífera, ainda que de elevada complexidade. Esta opção foi particularmente importante em duas vertentes. A primeira radicou na íntima articulação entre a observação das actividades de trabalho, a interpelação dos trabalhadores, enquanto as realizavam, e as entrevistas que a estes foram feitas. Com base nestes vários momentos da pesquisa de terreno – e do respectivo trabalho de reflexão e análise da informação recolhida e trabalhada – pudemos confrontar elementos em falta, esclarecer factores incongruentes e enriquecer dimensões de análise. A segunda assentou na imbricação entre técnicas de pendor, predominantemente, quantitativo e qualitativo. Facultou-nos uma abordagem das realidades sociais com recursos acrescidos, potenciando enfoques analíticos, provavelmente, ausentes se tivéssemos optado por realizar um tratamento da informação exclusivamente de cariz quantitativo ou qualitativo. A título exemplificativo, veja-se o estudo das trajectórias profissionais e de aprendizagem formal a partir do método de análise de correspondências múltiplas, a par do trabalho interpretativo dos discursos dos entrevistados acerca delas, ou, ainda, o estudo da situação económico-financeira do grupo empresarial e da empresa a partir de alguns indicadores de ordem quantitativa, complementada com a análise dos discursos dos dirigentes. Em qualquer um destes exemplos temos uma articulação profícua entre técnicas diferenciadas, que nos fornecem enfoques distintos e articulados sobre as realidades sociais.

Em segundo lugar, sustentamos e reafirmamos a importância dos depoimentos dos dirigentes para a compreensão, designadamente, dos objectivos, das orientações estratégicas, das políticas e das práticas empresariais. Estes são, indiscutivelmente, os interlocutores privilegiados para a análise das referidas dimensões, as quais nos permitem compreender as actividades, opções e decisões das empresas aos mais diversos níveis. A sua análise radicou no enquadramento dos discursos destes entrevistados nas funções que desempenham, no sentido da reflexão de Schumpeter

(1996) em torno das funções empresariais, como proposta teórica alternativa ao destaque conferido aos sujeitos em si, perspectiva que constitui um importante contributo crítico à postura do individualismo metodológico. Ainda que os discursos dos dirigentes veiculem determinados pressupostos de pendor normativo-ideológico que orientam a imagem que pretendem transmitir acerca das empresas e da sua actuação, são, de facto, fundamentais para a compreensão das estratégias empresariais. Não podem, deste modo, ser negligenciados em objectos de estudo desenvolvidos no interior das empresas. Cabe ao investigador, por sua vez, interpretar tais discursos criticamente e confrontá-los com as práticas efectivas.

Em terceiro lugar, afirmamos os resultados abundantes e substantivos que a observação directa das actividades de trabalho nos facultou, pelo recurso a uma grelha de análise, previamente elaborada. Constituiu uma etapa nevrálgica da pesquisa de terreno, tendo, mesmo, ultrapassado os objectivos de análise e caracterização das actividades de trabalho, inicialmente perspectivados. Foi, de facto, uma fase essencial da nossa socialização com os espaços de trabalho, bem como de interacção com todos os indivíduos interpelados, desde os dirigentes aos trabalhadores operacionais, passando pelos superiores hierárquicos directos. Esta etapa da investigação foi igualmente fundamental para o conhecimento de um vasto conjunto de factores caracterizadores dos espaços de trabalho, dos equipamentos, das pessoas e das dinâmicas sociais. Consubstanciou-se, ainda, num período de tomada de importantes decisões quanto às actividades a analisar, às entrevistas a realizar e às potencialidades do espaço empresarial face aos objectivos iniciais da pesquisa. A presença no terreno constitui assim, do nosso ponto de vista, uma vertente insubstituível e fundamental – senão a mais importante – da investigação em contextos empresariais.

Em quarto lugar, destacamos as entrevistas realizadas aos trabalhadores do núcleo operacional. A nossa opção pela concepção de um guião de entrevista semi-estruturado foi, desde logo, importante, na medida em que nos permitiu garantir uma condição indispensável ao seu tratamento posterior: a manutenção da mesma grelha de questões para todos os entrevistados. Ainda que se tenha traduzido num certo direccionamento dos discursos dos entrevistados, potenciou e alargou o respectivo tratamento a 50 sujeitos. O tratamento de entrevistas não estruturadas teria, certamente, levantado dificuldades, associadas à quantidade e à dispersão da informação, o que nos teria impedido de chegar a algumas das regularidades que destacámos. Uma entrevista estruturada ou um inquérito por questionário, por sua

vez, teria inviabilizado o propósito de conduzir os sujeitos a adoptar uma atitude activa e voluntarista na orientação dos seus próprios discursos, para além de não permitir a sua análise. Os discursos dos trabalhadores, para além de terem constituído matéria-prima essencial na pesquisa de várias das dimensões constitutivas do nosso objecto de estudo, facultaram-nos informação preciosa e pistas de investigação não problematizadas inicialmente.

Torna-se igualmente importante reflectir, neste domínio, sobre as opções de tratamento das entrevistas. Estas foram tomadas numa fase nevrálgica e extremamente morosa do nosso trabalho, ao longo do qual procedemos a incursões várias pelas Ciências da Linguagem e pela Sociologia até chegarmos ao que consideramos ser uma possível via profícua de tratamento de entrevistas semi-estruturadas. Radicou numa análise de conteúdo de cariz temático, assente num trabalho de interpretação dos discursos. Para a realização deste trabalho foi precioso o recurso a um *software* informático, que nos permitiu, não apenas organizar a informação, mas igualmente geri-la de forma flexível, análise que se estendeu à fase de redacção final. Este recurso técnico permitiu-nos concluir que a ferramenta informática nada faz por si só, mas constitui um suporte importante à análise da informação. Socorremo-nos das diversas funcionalidades do programa na concretização, em particular, de um dos objectivos da investigação, concretizado por intermédio do tratamento das entrevistas aos trabalhadores: a articulação entre uma análise categorial horizontal, de todas as entrevistas, e uma vertical, de cada entrevista, entendida na sua singularidade. Este trabalho dialéctico sobre os discursos dos trabalhadores permitiu-nos avançar, no capítulo 10, para uma abordagem final centrada em dois sujeitos, privilegiando um enfoque vertical. Trata-se de um tipo de análise só possível a partir do trabalho prévio sobre a totalidade das entrevistas, que se revela extremamente interessante, designadamente, pelas interpretações adicionais que proporciona, bem como por potenciar uma análise articulada entre os discursos e as trajectórias. Discutir os contornos de determinadas regularidades sociais a partir de casos singulares parece-nos, deste modo, constituir um enfoque complementar e potenciador de outros percursos analíticos. Paralelamente, permite reafirmar o prisma relacional da análise, na medida em que sublinha a compreensão do modo como os discursos e as situações profissionais dos sujeitos reflectem algumas das opções empresariais, assim como diversos processos de transformação que têm lugar no campo económico. A título exemplificativo, podemos referir o facto de a aposta estratégica da empresa em actividades de I&D, ao traduzir-se em práticas

inovadoras ao nível dos produtos, conduzir a um acréscimo do grau de complexidade das actividades de trabalho realizadas pelos trabalhadores, o que, por sua vez, pode estar associado à sua ligação à materialidade do trabalho, à prática, ao desempenho profissional, porque complexo, não rotineiro e proporcionador de um contributo directo sobre um produto (ou um subproduto) final. Deste modo, realidades que, numa primeira abordagem, não parecem estar associadas entre si, vêm a ser destacadas, numa perspectiva relacional, enquanto dimensões articuladas, de forma directa ou indirecta.

Finalmente, impõe-se equacionar alguns contributos de cariz empírico.

Gostaríamos de salientar as especificidades do campo económico analisado, atendendo, em particular, ao grupo empresarial Fasetel e à Electrotensão. Ainda que não estejamos perante realidades empresariais predominantes, do ponto de vista da representatividade, no tecido industrial português, trata-se de um grupo cuja origem remonta ao início do século XX e que assume um espaço destacado em Portugal. A pertinência em analisar tais contextos empresariais prende-se, assim, não tanto com a sua representatividade, mas antes com a sua singularidade e com o seu peso na indústria, em particular na actividade económica que assegura, o que é visível, designadamente, ao nível da sua capacidade empregadora ou do volume de negócios que gera.

Tanto o grupo Fasetel como a Electrotensão se encontram numa fase importante de consolidação, caracterizada, designadamente, por opções de racionalização ao nível dos RH e de alienação das actividades económicas não constitutivas das suas apostas estratégicas ao nível do par produto/ mercado. Em relação à gestão dos RH, destaca-se uma clara aposta na redução do efectivo, desde inícios dos anos 80, a par do recurso (possivelmente mais incisivo, no futuro), à contratação de trabalhadores ao abrigo do regime de trabalho temporário. No que respeita aos produtos, verifica-se uma orientação estratégica para o fabrico de séries de pequena dimensão, a par da opção pela externalização crescente (e, talvez, definitiva, no futuro) do fabrico de componentes metálicos, o qual corresponde a fases centrais dos respectivos processos produtivos. A aposta incide nas “core business” (expressão dos dirigentes) do grupo Fasetel e da Electrotensão, numa óptica de reequilíbrio da linha estratégica de acento na diversificação que marcou décadas passadas. Esta mantém-se, mas agora a sua gestão é orientada por uma óptica de racionalização.

Paralelamente, sublinhe-se a importante linha estratégica marcada pela aposta em produtos de elevado valor acrescentado, o que implica o investimento em

actividades de I&D. Estas constituem uma vantagem competitiva fundamental, quer do grupo empresarial, quer da empresa, o que tem reflexos, como acima referimos, na complexidade dos produtos e das actividades de trabalho realizadas pelos trabalhadores. Ao nível dos mercados, é de salientar a política empresarial de internacionalização, centrada na conquista de nichos de mercado, por via da aposta na inovação, na qualidade e na relação de proximidade com os clientes, em associação com a oferta de soluções integradas “chave na mão”. Todas estas opções empresariais assumem um destaque acrescido se pensarmos que estamos perante um grupo económico fortemente exposto à concorrência internacional, em mercados claramente abertos e em constante mutação, integrando-se, deste modo, nos movimentos mais destacados dos processos de globalização. Estes pautam-se, designadamente, pelo desenvolvimento de produtos com uma elevada incorporação de conhecimento, pela adopção de práticas de flexibilidade quantitativa na gestão dos RH e pela presença em redes complexas caracterizadas pelo estabelecimento de relações entre múltiplas instituições e empresas.

Estes, de entre outros factores, permitem-nos afirmar que o grupo Fasetel e a Electrotensão constituem realidades empresariais singulares e carismáticas do tecido industrial português e ilustrativas dos movimentos de globalização aos mais diversos níveis, nos quais as empresas ocupam um lugar importante. Tais traços transparecem, igualmente, nas manifestações de identificação dos sujeitos, o que é visível, desde logo, no facto de a empresa constituir, para a maioria dos entrevistados, o grupo subjectivo de pertença.

O segundo elemento empírico de reflexão que gostaríamos de frisar é relativo à importância dos depoimentos de todos os entrevistados, desde dirigentes a trabalhadores operacionais, passando por encarregados ou chefes de equipa. Para além da disponibilidade que demonstraram, surpreendemo-nos e confirmámos o facto de serem interlocutores preciosos na recolha e análise da informação, bem como geradores de pistas fundamentais de delimitação, reformulação e mudança dos objectivos do estudo e das estratégias técnico-metodológicas accionadas para a sua concretização. No caso, em particular, dos trabalhadores operacionais entrevistados, destacamos a sua predisposição para falarem de si próprios, em particular daquilo que melhor conhecem: o seu trabalho. Tal disponibilidade parece-nos dever ser encarada como uma oportunidade para a Sociologia procurar compreender, pela análise dos discursos dos sujeitos, os contornos e as especificidades das realidades sociais.

Das empresas aos sujeitos, assim se configura a nossa investigação.

3. A curiosidade sociológica

Ao longo do trabalho de investigação, foram-se delineando outras direcções de pesquisa às quais tivemos, frequentemente, dificuldade em resistir. Assentam em questões que a análise da realidade social levanta, na sequência, igualmente, dos processos de mudança que vão ocorrendo ao longo do estudo.

Procuraremos destacar algumas dimensões da realidade social que nos parecem assumir pertinência e que despertaram a nossa curiosidade sociológica e que poderão constituir eixos de possíveis abordagens futuras, relativamente às quais o nosso trabalho comporta, já, algumas reflexões.

Em primeiro lugar, é de destacar a aposta, já referida, do grupo empresarial e da empresa nas actividades de I&D, como uma importante vantagem competitiva, em particular ao nível dos produtos³. A reflexão centrada nesta área de actuação empresarial pode orientar-se, do nosso ponto de vista, para eixos diferenciados, dos quais destacamos dois. O primeiro radica na relação entre ciência e indústria, evidenciado pela importância da articulação entre produção e aplicação de conhecimento. Esta tem lugar no interior das empresas, mas configura-se também nas redes de relações desenvolvidas com outras instituições, nomeadamente as universidades. As universidades não são, de todo, as únicas instâncias de produção de saber, mas são, certamente, espaços privilegiados. Os processos de aprendizagem subjacentes, permitem-nos evidenciar que a formação de saberes atravessa diversas instituições sociais, impondo-se a análise da articulação entre elas, bem como das empresas em si, enquanto importantes espaços de produção de conhecimento. A reflexão acerca da sociedade da informação e da importância do saber enquanto vantagem competitiva pressupõe, deste modo, reflectir, criticamente, sobre os discursos de pendor normativo-ideológico e, a estes, contrapor um estudo fundamentado sobre os processos de formação, transformação e aplicação do saber e das instâncias privilegiadas onde estes processos têm lugar. O segundo eixo diz respeito aos profissionais que asseguram a referida função empresarial. As pessoas responsáveis pelas actividades de I&D no interior das empresas (especialmente na área da engenharia, no caso da Electrotensão) configuram-se como elementos fundamentais na sustentabilidade de uma das principais vantagens competitivas

³ Não se trata de uma aposta recente, uma vez que remonta à década de 70. Todavia, no caso, em particular, da Electrotensão, assume, actualmente, um desenvolvimento maduro, decorrente da finalização, em finais da década de 80 e inícios da de 90, de várias licenças de fabricação, limitativas da actuação empresarial ao nível da introdução de melhorias e de elementos inovadores nos produtos.

assinaladas: a apresentação, no campo económico (à escala nacional e transnacional), de produtos inovadores, integrados, adaptados às necessidades dos clientes e cumpridores de todos os parâmetros de qualidade. O desenvolvimento de actividades de I&D tem também reflexos nas actividades dos trabalhadores operacionais. Por um lado, envolve um núcleo restrito dos mesmos no desenvolvimento dos produtos, designadamente no processo de fabricação de protótipos. Podemos constatar, que esta afectação não é aleatória em várias direcções da Electrotensão. Por outro lado, traduz-se numa complexificação acrescida das actividades de trabalho, o que conduz a um desenvolvimento dos saberes, das capacidades e das qualidades dos trabalhadores, orientado pela renovação permanente das propriedades dos produtos. É o caso, na Electrotensão, dos transformadores de potência: a complexidade e a diversidade de procedimentos que a sua fabricação implica, exigem uma intervenção activa dos trabalhadores operacionais na detecção de incongruências e, em algumas situações, na sua correcção. O facto de estarmos perante produtos com um peso cada vez mais significativo do conhecimento – enquanto valor acrescentado –, implica, nas várias etapas do seu desenvolvimento (desde a concepção à transformação) práticas permanentes e sistemáticas de aprendizagem. Parece-nos ser sociologicamente relevante equacionar eixos analíticos em torno desta questão.

Em segundo lugar, e em associação com o que acabámos de referir, destacamos a orientação estratégica do grupo empresarial para a externalização progressiva do fabrico de componentes metálicos, decisão que assenta no argumento de que tais subprodutos não são parte integrante do “core business” da empresa, isto é, do conjunto de actividades que incorporam um valor acrescentado assinalável ao nível, em particular, da tecnologia dos produtos, desenvolvida internamente. Esta opção, que tem vindo a assumir, ao longo do tempo, contornos mais claros, consubstanciando-se num processo maturado e progressivo, se, por um lado, vai, precisamente, no sentido da intensificação do investimento no que poderíamos apelidar as actividades “invisíveis” de produção de conhecimento, por outro, traduz-se numa tendência para a desindustrialização, patente na aposta em actividades de serviços de apoio aos clientes. Estas duas tendências não são novas na Europa, nem em Portugal. Assumem contornos diferenciados e heterogéneos em função das actividades económicas e das empresas. No entanto, uma questão se levanta a estas opções empresariais. Se, por um lado, se trata de uma linha estratégica de racionalização de recursos em ordem ao investimento em actividades de maior valor

acrescentado, com probabilidades acrescidas de afirmação nos mercados e, potencialmente, rentabilizadas no futuro, por outro questionamo-nos acerca dos custos que comportam os processos de fabricação que deixam, agora, de ser internamente controlados. As opções empresariais de externalização do fabrico de componentes e de fases dos processos produtivos implicam a constituição de um leque de fornecedores certificados e com capacidade de resposta às exigências das empresas, bem como a montagem de dispositivos de controlo de recepção dos produtos ou subprodutos, que poderão revelar-se dispendiosos e, em determinadas situações, disfuncionais. Trata-se de equacionar não apenas os custos tangíveis, mas também os custos ocultos (Savall, 1985) que, frequentemente, não são contabilizados. Paralelamente, impõe-se reflectir sobre a perda de saberes acumulados ao longo de várias décadas – o que, possivelmente, virá a ser uma realidade no domínio da maquinaria, com a desvitalização da direcção Fabricações Mecânicas, por exemplo – , que darão lugar ao conhecimento de desenvolvimento dos produtos. Importa ter presente, precisamente, que a concepção e o desenvolvimento de produtos evolui e se transforma, frequentemente, a partir da fabricação, pois é no seu decorrer (desde logo na produção dos protótipos) que surgem questões, dúvidas, erros, ajustamentos que, como pudemos constatar na Electrotensão, são corrigidos de forma gradual, precisamente, porque é a própria empresa que assegura todo o processo. É importante, deste modo, reflectir sobre a centralidade do trabalho realizada no núcleo operacional das empresas. Impõe-se, ainda, equacionar o conseqüente processo de separação entre concepção e execução que assume, agora, novos contornos: corresponde, já não apenas a trabalhadores ou grupos profissionais, mas a unidades empresariais, processo que foi, no passado recente, largamente questionado, precisamente, pelos disfuncionamentos que comporta.

Opções de externalização de actividades, dinâmicas de desindustrialização e incorporação crescente de conhecimento nos produtos, são domínios de análise a reter, pois constituem processos de transformação da indústria portuguesa (em particular ao nível de determinadas actividades económicas), que acompanham movimentos de mudança à escala transnacional.

Em terceiro lugar, gostaríamos de chamar a atenção para a integração da celebração de contratos de trabalho temporário nas práticas de recrutamento na gestão do emprego e da mobilidade dos RH. Trata-se de uma nova realidade que tem vindo a assumir, no nosso país, traços estruturantes de configuração do sistema de emprego (Rodrigues, 1988), sendo importante integrá-la na análise dos movimentos

da população activa e inactiva. Ainda que não constitua, no momento da realização do trabalho, uma prática massiva por parte da empresa, a qual, inversamente, optou por uma gestão previsional marcada pela não precariedade do vínculo contratual, tem vindo a assumir um espaço importante, acompanhando a decisão de não aumentar o efectivo ao nível, pelo menos, do núcleo operacional. Constitui, igualmente, uma forma de externalização de custos por via da gestão dos RH e de flexibilização quantitativa. Este tipo de práticas enquadra-se ainda na agudização das segmentações nos mercados internos e externo de trabalho, sendo os trabalhadores com vínculo contratual temporário um subsegmento consolidado do segmento secundário do mercado de trabalho. Afirma-se uma tendência crescente para a selecção dos sujeitos mais competentes, porque disponíveis, conhecedores e flexíveis, em detrimento dos considerados desqualificados e precários, que poderão vir a ser trabalhadores desencorajados. A atitude dos trabalhadores face ao seu trabalho e à empresa assume, deste modo, o estatuto de mecanismo de selecção.

Afunilando um pouco a nossa reflexão para um nível mais micro, salientamos, em quarto e último lugar, a ligação particular dos trabalhadores operacionais à sua prática e à materialidade do trabalho. A partir dela, é possível equacionar a associação às classificações sociais, em particular aos títulos das profissões. Um mandrilador mecânico trabalha com uma mandriladora e um electricista com electricidade. A primeira designação profissional está associada ao dispositivo técnico, enquanto que a segunda se relaciona com o produto e o resultado do trabalho. Ambas as designações estão ligadas aos meios ou produtos da acção de transformação. Podemos, assim, completar uma das nossas hipóteses, afirmando que os processos de identificação se consolidam, também, por intermédio das classificações sociais: identificação com a designação da profissão, na medida em que ela incorpora as designações dos dispositivos técnicos, da matéria-prima, do produto final. Será a matéria que origina as classificações sociais ou as classificações sociais é que estão na base das designações materiais? Importa recuar à história dos títulos profissionais e da arqueologia industrial, para perceber a eficácia classificatória das designações. E como se configurarão os processos de identificação do torneiro mecânico que é transferido, no interior da empresa, para uma actividade em que passa a realizar montagens e ligações eléctricas, deixando de ter qualquer ligação com os dispositivos técnicos cuja designação coincide com a da sua profissão? Impõe-se, então, pensar nos reflexos das decisões empresariais nos referenciais de identificação e no desempenho profissional.

Não foi nosso objectivo explicitar uma síntese completa de todos os eixos de análise, das reflexões e conclusões teóricas, metodológicas e empíricas que resultam desta investigação. Tal intuito seria inglório, por força da complexidade do objecto de estudo. O nosso ponto de partida foi um modelo de análise e o respectivo enquadramento teórico, técnico e metodológico, elementos que foram sendo trabalhados ao longo da investigação.

Gostaríamos, para terminar, de voltar a salientar a importância da pesquisa centrada nos processos de aprendizagem no espaço social do trabalho. Este é, para muitos trabalhadores, o espaço exclusivo de aprendizagem, de desenvolvimento e de aplicação de saberes. O desempenho do trabalho revela-se, neste sentido, um meio privilegiado de aprendizagem. Não queremos, com este pressuposto, negligenciar a importância de outros espaços sociais, de entre os quais ressalta, claramente, a escola. Mas nem todos a ela têm, efectivamente, iguais oportunidades de acesso. Analisar os processos de aprendizagem e de identificação nos espaços de trabalho constitui um enfoque fundamental da pesquisa em Sociologia. Também esta investigação resulta desses processos.